Dia 2 — Santo Estêvão I, Rei da Hungria

Martirológio Romano

Santo Estêvão, rei dos húngaros, em Stuhlweissenburg, na Hungria; o qual, adornado de divinas virtudes, foi o primeiro que converteu os húngaros à fé de Cristo e foi recebido no céu pela mesma Virgem Mãe de Deus no dia da Assunção; sua festividade, por decreto do papa Inocêncio XI, celebra-se particularmente neste dia, no qual, por intercessão do santo Rei, foi recuperada dos turcos pelo exército cristão a inexpugnável fortaleza de Buda. (Veja-se sua vida entre as de hoje.)

Santa Máxima, mártir, em Roma; a qual, juntamente com Santo Ansano, confessando Jesus Cristo na perseguição de Diocleciano, estando a ser açoitada com feixes de varas, entregou sua alma a Deus.

Santo Antonino (ou Antolim), mártir, em Pamiers, na França; cujas relíquias se conservam com grande veneração na igreja de Palência, na Espanha. (Veja-se sua vida entre as de hoje.)

Os santos mártires Diomedes, Juliano, Filipe, Eutiquiano, Esíquio, Leônides, Filadelfo, Menalipo e Pantagapas, dos quais uns, queimados, outros, afogados, outros, passados à espada e outros, crucificados, alcançaram a coroa do martírio.

Os santos mártires Zenão e seus filhos Concórdio e Teodoro, em Nicomédia.

A ditosa morte dos santos irmãos Evódio, Hermógenes e Calixta, no mesmo dia.

O trânsito de São Justo, bispo e confessor, em Lião da França; varão de admirável santidade e dotado de espírito profético: tendo renunciado ao episcopado e retirando-se ao deserto do Egito em companhia de Viator, seu leitor, viveu ali alguns anos vida quase de anjo; e, chegando já o fim de suas fadigas, no dia 14 de outubro passou ao Senhor a receber a coroa da glória; seu santo corpo, juntamente com os ossos de São Viator, seu ministro, foi trasladado, em tal dia como hoje, a Lião da França. (Assistiu com outros dois bispos das Gálias ao concílio de Aquileia, no ano de 381, imperando Graciano. Santo Ambrósio, que foi a alma deste concílio, tinha em tanta estima o bispo de Lião que depois lhe escreveu duas célebres cartas relativas a vários pontos da santa Escritura.)

Santo Elpídio, bispo e confessor, na mesma cidade. (Seu corpo foi sepultado na igreja dos sete irmãos Macabeus, ao lado de seu predecessor São Justo.)

Outro Santo Elpídio, abade, na marca de Ancona, cujo nome tomou um povoado que se gloria de possuir seu santo corpo.

São Nonoso, abade, no monte Soracte; o qual, com suas orações, trasladou de um lugar a outro um penhasco grandíssimo e floresceu com outros milagres.

Santo Estêvão I, Rei da Hungria

Pelo ano 372 do nascimento de Cristo, os hunos, povo da antiga Sarmácia, junto às margens da lagoa Meótis, saindo de seu país em número de um milhão e novecentos mil homens, conduzidos pelo famoso Átila, foram estabelecer-se na Hungria e comunicaram-lhe seu nome. Depois de muitas revoluções, nas quais foram expulsos do país, voltaram a ele pela quarta vez pelos anos de 970 e fundaram uma espécie de monarquia, que foi governada por seus soberanos com o título de duques, sendo Géza o quarto príncipe da nação que reinou nela com este título. Era pagão e naturalmente severo com os seus; mas suave, benigno e apacível com os estrangeiros, a quem recebia com agasalho e honrava com sua benevolência; e, como na maior parte eram cristãos, enamorado de seus bons costumes e cativado por suas conversações, formou um alto conceito da Religião que professavam. Sabedor Santo Adalberto, bispo de Praga, na Boêmia, de quão bem disposto estava o ânimo do Duque, determinou anunciar a fé nos Estados da Hungria; e mal o ouviu Géza, nas primeiras conferências, declarou-se ele mesmo a mais ilustre conquista do apostólico Prelado. Instruído por Santo Adalberto, recebeu de sua mão o santo Batismo, com a duquesa, sua esposa, que se chamava Sarolta, e com muitos outros senhores da corte, transformado já o Duque em outro homem com a graça daquele primeiro Sacramento.

Também à Duquesa, com a de sua conversão, comunicou-se-lhe o dom de uma sobressaliente virtude e, com esta, um ardentíssimo desejo de desterrar de toda a Hungria o paganismo, a cujo zelo não era inferior o do Duque. Ocupada inteiramente um dia a imaginação da piedosa Duquesa em discorrer meios para lograr seus religiosos intentos, ficou adormecida; e, aparecendo-lhe em sonhos Santo Estêvão protomártir, assegurou-lhe que logo daria à luz um filho, destinado pelo céu para pôr em execução a grande empresa que ela e seu marido tinham tanto na alma; pois não só seria o primeiro rei, mas também o apóstolo de toda a nação húngara.

Tardou muito pouco em ser completo este gozo, pelo nascimento daquele filho feliz, que viu a primeira luz do mundo no ano de 978, e no Batismo foi-lhe dado o nome de Estêvão. Os piedosos Duques não perdoaram a meio nem a diligência alguma para que o Príncipe fosse educado nas mais santas máximas de nossa Religião e nos mais ternos e devotos afetos das virtudes cristãs, pondo igual esmero em buscar-lhe mestres excelentes que lhe cultivassem o entendimento, instruindo-o nas letras e ciências humanas. O céu havia dotado o terno Príncipe de tão belas disposições para a virtude, concedendo-lhe um coração tão nobre, tão generoso e tão reto, com um engenho tão brilhante e, ao mesmo tempo, tão dócil, que deixou muito pouco ou nada que

fazer aos cuidados da educação; e foram tão rápidos seus progressos nas ciências e na piedade que já naqueles tenros anos era reputado o príncipe mais cabal que se conhecia em seu século.

Foi seu mestre o próprio Santo Adalberto, que se dedicou a formar aquele tenrinho coração, e ele soube aproveitar-se maravilhosamente de suas santas instruções. Estas se reduziam às máximas puras do Evangelho, de que lhe davam lição todos os dias, e o menino Estêvão tomou-lhes desde logo tanto gosto que nunca soube depois acomodar-se com outras. Quase desde o berço descobriu aquela terna devoção à santíssima Virgem, que com o tempo o moveu a erigir em sua honra tantos e tão magníficos templos. Suas diversões eram a oração, e os exercícios de sua meninice reduziam-se aos exercícios espirituais. Em todas as cortes da Europa quase não se acertava a falar de outra coisa que da virtude do príncipe da Hungria, e até seus próprios vassalos, ainda que pagãos e naturalmente ferozes e grosseiros, o olhavam com admiração e o amavam com ternura, ganhando-lhes o coração aquela doçura, aquela afabilidade, aqueles nobres e gratíssimos modos, com aquela inesgotável caridade que exercitava com todos os pobres; de maneira que, sendo a veneração dos grandes, era o encanto dos povos. À vista de uma prudência tão antecipada e de uma virtude tão sobressaliente, resolveu o Duque, seu pai, associá-lo ao governo do Estado, ainda que contava só quinze anos, descarregando em seus tenros ombros o peso dos mais graves e mais importantes negócios.

Faltaram-lhe no mesmo ano, que foi o de 997, o Duque, seu pai, e seu mestre Santo Adalberto, pelo que se viu precisado a carregar sozinho com o governo de todos os seus Estados, não obstante achar-se como na primeira entrada de sua florida juventude. Sua primeira diligência foi assegurar uma paz sólida com todos os príncipes vizinhos, a fim de afastar todo embaraço à execução do glorioso intento que formou imediatamente de desterrar, se pudesse, de seus domínios até a memória do paganismo. Deu princípio a esta grande empresa reformando os costumes de seus vassalos e abolindo todos os usos e estilos que ainda respiravam sua natural barbárie. Juntava já a uns, já a outros em seu palácio, e ele mesmo os instruía, unindo às funções de soberano os ministérios de apóstolo. Irritados furiosamente os sacerdotes dos ídolos, vendo diminuir-se sua autoridade e suas rendas à medida que se multiplicavam as conversões, amotinaram os pagãos, que compunham a maior parte da nação, persuadindo-os a que tomassem as armas contra o jovem Duque. Tinham à sua frente o conde de Zegzard, que, considerando-se com forças bastantes para disputar-lhe a soberania, levantou um numeroso exército e marchou a pôr cerco a Veszprém, que era a principal praça da Hungria depois de Estrigônia. O Duque, por sua parte, também levantou tropas compostas todas de cristãos; mas em tão curto número que naturalmente não podiam resistir à prodigiosa multidão dos rebeldes. Era-lhe muito fácil ao piedoso Duque viver em paz com seus vassalos, sem outra diligência que deixar os infiéis prosseguir tranquilos no exercício de sua cega idolatria; mas puderam mais em seu religioso coração os motivos da Religião que as razões de Estado. Cheio, pois, de confiança na assistência daquele Senhor por cuja glória combatia, havendo posto sua pessoa e seu reino debaixo de sua poderosa proteção, implorou fervorosamente seu favor; e, ainda que com forças tão desiguais, marchou ao inimigo e apresentou-lhe a batalha, que foi obstinada e sangrenta. Era o virtuoso Duque tão valoroso quanto santo e, travada a ação, acreditou bem seu valor, expondo sua pessoa aos maiores perigos. Achava-se em todas as partes onde era maior o risco, e em todas ia a vitória seguindo sua valorosa espada. Foi tão completa que os rebeldes ficaram inteiramente derrotados; seu general, o conde de Zegzard, morto e estendido no campo de batalha, e todo aquele numeroso

exército de amotinados feito em pedaços. O santo Duque referiu toda a glória do triunfo ao Senhor Deus dos exércitos e, depois de haver mandado que se lhe tributassem solenes graças em todos os seus domínios, erigiu um magnífico mosteiro no mesmo campo de batalha.

Livre já de todos os estorvos, dedicou toda a sua atenção a desterrar de todos os seus Estados até as relíquias da idolatria, fazendo vir de todas as partes zelosos religiosos que pregassem o Evangelho; e, como o virtuoso Príncipe se achava sempre à frente daqueles apostólicos obreiros, foi portentoso o sucesso, e em breve tempo foi universal a conversão do país. Logo que teve o consolo de ver cristãos todos os seus Estados, dividiu-os em doze dioceses, destinando Estrigônia para sede arquiepiscopal e metropolitana, cujo plano remeteu a Roma para que o aprovasse a Santa Sé apostólica, à qual despachou uma solenílssima embaixada, nomeando por chefe dela a Ático, ou Anastácio, abade beneditino. Reduziam-se suas instruções a que em nome do Duque rendesse a obediência ao papa Silvestre II, suplicando-lhe que tomasse sob a proteção da Santa Sé aqueles Estados, novamente convertidos à religião cristã; dignando-se de confirmar o que o Duque havia regulado a respeito da Religião em seus domínios da Hungria; e rogando-lhe que tivesse por bem que tomasse o título, as insígnias e as honras de rei, para promover com maior autoridade o que o tempo e as ocasiões lhe permitissem fazer em benefício e propagação da fé.

Chegou o embaixador a Roma pouco depois que haviam entrado nela os de Boleslau, duque da Polônia, que, havendo-se convertido com toda a sua nação trinta anos antes à luz do Evangelho, tinha entabulada a mesma pretensão. Já haviam logrado audiência de Sua Santidade os embaixadores de Boleslau, e já o Papa, querendo premiar os grandes serviços que havia feito à Religião ele e seu pai Mieszko, tinha prevenida uma rica coroa de ouro para enviá-la ao duque da Polônia; mas, havendo ouvido da boca de Anastácio, na audiência que lhe concedeu, tudo o que havia obrado o duque Estêvão em tanto aumento da fé, determinou dar a este a preferência. Concedeu-lhe, pois, o título e a dignidade de rei, enviando-lhe a coroa, ao que acrescentou o presente de uma rica cruz, para que a fizesse levar sempre diante de si, autorizando com uma bula tudo o que havia disposto, assim nos bispados como nos bispos apresentados por ele para governá-los, e reconhecendo-o por Apóstolo de seu novo reino.

Havendo recebido Estêvão as insígnias de sua nova majestade, convocou em Estrigônia todos os Prelados do reino com a nobreza do país; e, recebida a sagrada régia unção das mãos dos mesmos Prelados, reconhecendo que todo legítimo poder desce originariamente do mesmo Deus e que só à sua piedade devia a coroa, fez-se a si mesmo e a seus sucessores feudatários da santa Sé apostólica.

A felicidade de tão gloriosos sucessos suscitou ciúmes em alguns príncipes vizinhos, que, não acertando a olhar com bons olhos aquele aumento de grandeza, coligaram-se para sufocar no berço a recente monarquia. O príncipe da Transilvânia, esquecido do estreito parentesco, pois era primo do Rei, entrou armado por suas terras, fazendo nelas grandes danos. Marchou a ele Santo Estêvão com as tropas que pôde juntar tumultuariamente; atacou-o, derrotou-o e fê-lo prisioneiro, sem querer outro resgate por sua liberdade que sua conversão e a de seus povos. Os búlgaros deram-lhe mais em que entender, porque lhe fizeram guerra com maiores forças, mas com tão infeliz sucesso como os transilvanos, pois ao cabo os venceu e os humilhou, obrigando-os a pedir-lhe a paz, que lhes concedeu, sem aproveitar-se demasiado de sua vitória. Contraiu estreita

aliança com o imperador São Henrique, casando-se com sua irmã Gisela, princesa de extraordinária virtude, que parecia que a divina Providência a havia destinado singularmente para ele, pelo que não era possível matrimônio mais cabal. Nunca teve a Rainha outras inclinações que as do Rei, o mesmo zelo pela Religião, os mesmos exercícios espirituais, a mesma devoção, a mesma liberalidade com as igrejas e a mesma caridade com os pobres.

Restituída a tranquilidade a todo o reino, converteu o Rei toda a sua aplicação a procurar a felicidade de seus vassalos, a reformar os abusos e a não omitir meio algum para que cada dia florescesse mais a Religião e a piedade.

Sendo sua virtude sobressaliente, e como a mais favorecida entre todas, aquela terna devoção que professava à santíssima Virgem, a quem sempre apelidava sua soberana Senhora, título que depois se fez hereditário e familiar em todos os húngaros, erigiu em sua honra um suntuoso templo na cidade de Alba, que começou a chamar-se a Real, por havê-la escolhido o santo Rei para sua ordinária residência e porque os Reis seus sucessores se coroavam depois em sua igreja da Mãe de Deus, escolhendo-a também para seu panteão ou sepultura. Quase não houve província alguma em seus Estados, ou cidade considerável nas províncias, onde o piedoso Monarca não fundasse algum mosteiro, não erigisse alguma igreja ou não dotasse algum hospital. Nem sua real e piedosa liberalidade se estreitou precisamente aos limites de seu reino: estendeu-se também aos estranhos, fundando igrejas e hospitais para os húngaros em Roma, em Jerusalém e em Constantinopla. Dedicado unicamente a procurar que florescesse a Religião em seus domínios, a exterminar os vícios e os abusos, a solicitar que em todas as partes reinasse a justiça e a piedade e a promover por todos os caminhos a felicidade de seus vassalos, promulgou leis prudentíssimas para desterrar deles os bárbaros costumes e para cortar com a severidade das penas os roubos, os homicídios, os adultérios, as blasfêmias e todo gênero de impiedades e dissoluções, formando uma espécie de código, para maior permanência destes regulamentos, em que compreendeu, sob cinquenta e cinco títulos ou capítulos, as mais saudáveis leis. Havendo nascido com ele, por assim dizer, a caridade e a misericórdia com os pobres, tomou sob sua real proteção as viúvas e os órfãos, provendo à subsistência das famílias necessitadas com uma liberalidade de que há poucos exemplos, e tudo com tanta ordem, com tanta prudência e com tanto acerto que se dizia comumente que em seu ditoso reinado não havia pobres na Hungria.

Querendo em certa ocasião ter o consolo de dar a esmola por suas mesmas reais mãos, disfarçou-se para não ser conhecido. Logo que os primeiros pobres o viram com uma bolsa cheia de dinheiro, que levava para repartir entre eles, abalançaram-se a ele brutal e atrevidamente, lançaram-no ao chão, pisotearam-no, maltrataram-no e, arrancando-lhe a bolsa com violência, puseram-se em precipitada fuga. Deixou-se ultrajar o santo Rei sem abrir sequer os lábios; e, levantando-se todo coberto de lodo, não menos que de contusões à violência dos golpes, voltado à santíssima Virgem, sua querida Mãe, falou-lhe desta maneira: «Bem vedes, ó Rainha dos céus, minha soberana Senhora, como trataram vossos soldados a quem Vós vos dignastes fazer rei: se isto o tivessem feito os inimigos da Religião, já veria eu o que havia de fazer com eles; mas, sendo obra dos criados de vosso Filho e meu doce Salvador, recebo com alegria esta aventura e vos dou graças por ela.» Com efeito, toda a satisfação que tomou daquela brutalidade foi fazer maior esmola aos mesmos mendigos.

Empregava a maior parte do dia nos negócios da Religião, do Estado e da justiça, que administrava a seus povos por si mesmo. Suas audiências, sempre francas e acessíveis a todos em qualquer hora, mas preferidos em todo caso os pobres, pelo que era dito comum que os húngaros haviam logrado um soberano que mais era seu pai que seu rei. Todos os dias assistia ao santo sacrifício da missa com tanto respeito, com tanta modéstia e com tanta devoção que a infundia em todos os circunstantes, consagrando ao exercício de boas obras as demais horas que lhe restavam desocupadas; dizia com graça que esta era sua caça, este seu jogo e estas suas diversões. A maior parte da noite a empregava na meditação e na oração, exceto nas vésperas de Comunhão, que eram muito frequentes, as quais passava todas em vela. Suas penitências correspondiam ao fervor e à inocência de sua vida, sendo-lhe muito familiares os jejuns, os cilícios, os instrumentos de mortificação e a maceração do corpo, tanto que não poucas vezes descobriu Deus com prodígios suas mais secretas mortificações.

Sendo Santo Estêvão tão agradável aos olhos do Senhor, não lhe podiam faltar trabalhos e adversidades. Padeceu-as muito penetrantes e muito vivas, que acrisolaram sua virtude com as mais sensíveis provas. Sofreu por espaço de três anos uma prolongada enfermidade, acompanhada de cruelíssimas dores, sem que se alterasse um ponto nem a majestosa alegria de seu semblante nem a serenidade de seu coração. Arrebatou-lhe a morte todos os seus filhos, não lhe deixando mais que o príncipe Emérico, seu primogênito, jovem dotado de todas as prendas que se podiam desejar para formar um grande príncipe. Educado por um pai que lhe servia de mestre, sendo ao mesmo tempo o modelo mais perfeito que podia imitar, caminhava a largos passos no seguimento de suas pegadas; e, sendo perfeito imitador de suas virtudes, observava escrupulosamente todas as santas máximas que o Rei lhe havia inspirado, compondo delas o mesmo Monarca um precioso livro para a instrução de seu querido filho. Mas Deus lhe tirou este amável filho quando se achava no mais florido de sua idade: golpe que sentiu o Rei com a mais viva dor, sem achar outro consolo a tão dolorosa perda que o que buscou e encontrou em sua muita religião e em sua heroica virtude; podendo-se dizer com verdade que nunca se mostrou mais santo que naquela grande aflição.

Os bessos, povos bárbaros, fizeram uma irrupção em suas terras; mas ficaram tão enamorados da virtude do santo Rei que deputaram sessenta dos mais principais da nação para pedir-lhe sua amizade. Desarmou-os precisamente sua piedade e acabou de encantá-los quando o Rei mandou que se lhes restituísse tudo o que lhes haviam tomado suas tropas, que batiam o país, não obstante que podia ficar com isso por via de represália, em recompensa dos danos que haviam feito em seus Estados.

Morto o imperador Henrique, seu cunhado, Conrado, seu sucessor, entrou na Hungria com um poderoso exército. Estêvão, apesar de seu amor pela paz, viu-se precisado a marchar contra ele à frente de suas tropas; mas, movido da compaixão e do horror que lhe causava ver derramar sem justo motivo o sangue de seus vassalos, recorreu a Deus e à sua contínua protetora, a santíssima Virgem. Mal acabou sua oração, quando as tropas de Conrado se puseram em desordenada fuga, com tanta precipitação como se houvessem sido inteiramente derrotadas, sem que até agora se tenha podido averiguar o verdadeiro motivo que aquele formidável exército teve para retirar-se.

Havia já alguns anos que o Rei guardava quase sempre a cama, reduzido a ela por suas frequentes enfermidades, quando alguns senhores, descontentes com a inexorável retidão com que administrava justiça, resolveram tirar-lhe violentamente a vida, arrojando-se ao mais negro, ao mais atroz e ao mais execrável de todos os delitos. Um deles entrou no quarto do Rei com este sacrílego intento, levando uma espada nua debaixo da capa. Ouviu o Rei algum ruído e, perguntando quem era, a majestade de sua voz encheu de tanto terror o assassino que, deixando cair a espada, lançou-se a seus reais pés, confessou seu delito e implorou sua piedade e clemência. Perdoou-lhe benignamente o Rei e converteu-o. Enfim, tendo o santo Monarca tido revelação de sua ditosa morte, dispôs-se para ela com novo fervor, acabando com ele de aperfeiçoar sua virtude; e, recebidos os santos Sacramentos, rendeu tranquilamente seu espírito nas mãos do Criador no mesmo dia da Assunção, cuja festa ele mesmo havia feito a mais solene para toda a nação húngara. Morreu, pois, no dia 15 de agosto do ano de 1038, aos sessenta de sua idade e quarenta e um de seu glorioso reinado, com pranto universal de todo o reino, lastimando-se cada um de haver perdido não tanto um Rei como um Apóstolo e um pai. Seu corpo foi sepultado na magnífica igreja de Alba Real, que ele mesmo havia edificado, sendo as lágrimas dos pobres o mais belo ornamento da pompa fúnebre. Pelos muitos milagres que obrou em vida e pelos que continuaram em seu sepulcro depois de morto, moveu-se a santa Sé apostólica a decretar-lhe as honras que se devem aos Santos, e o papa Inocêncio XI fixou sua festa no dia 2 de setembro.

Santo Antonino ou Antolim, Mártir

Em meio às intrincadas dificuldades a que está sujeita a história de Santo Antonino, dificuldades de que até agora não pôde desembaraçar-se nem a crítica mais fina nem a erudição mais copiosa, seria uma temeridade ou pretender melhor sorte na relação de seus feitos ou intentar esclarecer as dúvidas de que até agora ninguém se desembaraçou. A principal causa desta confusão é um poderoso motivo de consolo para os que se exercitam nesta espiritual legenda. A diversidade de martirológios que fazem menção de um Santo Antonino, as muitas províncias e igrejas em que se sabe haver-se celebrado sua memória e os muitos altares onde se têm venerado suas sagradas relíquias foram outras tantas causas para duvidar se foram um ou muitos os Santos celebrados com o nome de Antonino e, ainda no caso de que seja um, se este se deve adjudicar à Espanha, à França ou à Síria. Mas isto mesmo, que dá tanto trabalho à crítica e tanto desconsolo à curiosidade humana, serve à piedade de uma grande satisfação. Desde logo se persuade de que realmente existiu um verdadeiro servo de Deus, que manifestou sua caridade testificando-a com seu sangue, já que nas igrejas do cristianismo tem sido imemorial e muito extenso seu culto. Isto lhe basta para ler com confiança seus exemplos, exaltar a glória de Deus na manifestação de seus dons e acalmar os gritos da vã curiosidade quando quiser levantar-se contra a simples devoção. O que não podemos duvidar os espanhóis é que a igreja de Palência venera Santo Antonino por padroeiro e se honra com suas relíquias, cuja trasladação celebra no dia 18 de maio. Igualmente é certo que celebra esta festividade toda a Igreja da Espanha, cuja respeitável autoridade é suficiente motivo para que, em meio às muitas dificuldades que ofuscam a história de Santo Antonino, se repute por um meio seguro de oferecer à leitura dos fiéis aquela história do Santo que a Igreja da Espanha tem adotada em seu ofício, que é a seguinte:

Nasceu Santo Antonino de estirpe real, e sua educação nos primeiros anos de sua vida foi correspondente à alteza de sua linhagem, compreendendo entre as instruções humanas os conhecimentos da santa religião de Jesus Cristo. Nos primeiros anos teve a desgraça de perder seus pais, pelo que ficou em poder de um tio seu chamado Teodorico, o qual reinava em Toulouse e residia em Pâmias, lugar da Gália Narbonense. Neste povoado tinha Teodorico seu sobrinho, cuidando de que sua educação fosse correspondente aos errados sentimentos de que ele estava possuído, que não eram outros que os do gentilismo. Como Antonino havia bebido de antemão as máximas da Religião verdadeira e estas haviam lançado profundas raízes em seu terno coração, não podia aceder às supersticiosas instruções que lhe davam por ordem do Rei. Adorava a Deus ocultamente, empregando-se com fervor nos piedosos exercícios que a religião cristã prescrevia. Notaram-no os mestres e familiares que o rodeavam e, julgando que não deviam ocultar ao Rei uma notícia de tanta consequência, deram-lhe parte de quanto haviam visto no santo mancebo. Turbou-se Teodorico e, sucedendo a seus primeiros movimentos de perturbação os da ira e da vingança, determinou castigar em Antonino o que a ele lhe parecia extravios de sua razão e infidelidade ao carinho que lhe manifestava. Percebeu o santo mancebo as funestas consequências da real ira que o ameaçava e, assim, preferindo o bem de sua alma e os interesses da Religião a todas as honras e grandezas do mundo, determinou abandonar o palácio de seu tio e fugir aonde pudesse livremente adorar a Cristo crucificado. Foi-se a Roma e dali a Salerno, onde permaneceu por espaço de dezoito anos empregado na contemplação e nos rigores da vida eremítica, na companhia de outros muitos varões doutos e virtuosos que ali mesmo a professavam. A ciência que adquiriu neste tempo, e muito mais as virtudes nada vulgares em que se exercitava, o dispuseram para receber as ordens sagradas, fazendo-se subdiácono. O ver-se consagrado a Deus e ao serviço de sua Igreja de um modo tão a seu gosto empenhou sua fidelidade a tão exata correspondência que em nada pensava nem tinha outro exercício que o de sua própria santificação e o de ganhar para Deus as almas de seus irmãos.

Às grandes virtudes sempre as auxilia o céu com sua proteção e suas maravilhas. Verificou-se isto em Antonino, pois desde aquele tempo começou a resplandecer na graça dos milagres, de maneira que por sua oração se venciam a cada passo os impulsos da natureza. Pela virtude que Deus havia posto em suas mãos recobravam a cada passo vista os cegos, ouvido os surdos, fala os mudos, sem haver enfermidade, por perigosa e inveterada que fosse, que pudesse resistir à superior força de sua oração. Até os espíritos infernais que tiranizavam muitos infelizes viam-se precisados a deixar livres seus corpos, obedecendo à poderosa voz de Antonino, que assim lho mandava em nome do Senhor. Em meio aos contínuos prodígios com que Deus fazia glorioso seu servo, este, fiel sempre a seu Senhor, não esquecia o emprego das virtudes cristãs. Sua vida era inocentíssima, seus costumes puros e seus exercícios quais convinham a um eclesiástico e a um eremita. Oração contínua, contemplação dos divinos mistérios, jejuns frequentes e mortificação dos sentidos para sujeitar a carne à obediência da razão: tais eram as ocupações em que distribuía sua vida no retiro da solidão. Mas, como sabia que não é bom servo o que, recebendo o talento, o conserva escondido sem expô-lo a ganhos, procurava empregar os que o Senhor lhe havia comunicado em proveito e saúde de seus próximos. Deixava sua amada solidão para exercer o ministério da pregação, advertindo os homens de seus errados caminhos e mostrando-lhes a senda segura por onde poderiam conseguir sua felicidade verdadeira. Pregava igualmente contra a gentilidade e todo gênero de erros, sem que o medo pusesse freio à sua língua nem preferisse sua vida aos soberanos interesses da verdade. Uma das coisas que mais desejava neste mundo era verter seu

sangue em defesa da Religião; e este desejo, ao mesmo tempo que o fazia solícito da salvação das almas, lhe dava intrepidez para pregar a todo risco as sacrossantas verdades. Sacrificava com todo gosto a este santo ministério toda a sua comodidade, sem reparar em padecer fome, sede e cansaço, contanto que conseguisse cumprir exatamente as obrigações de seu ministério. O próprio Deus cooperava por sua parte para este mesmo fim com portentos e maravilhas, pois, achando-se em certa ocasião pregando num sítio tão árido e desprovido que ele e seus ouvintes pereciam de sede, levantou os olhos ao céu e, ferindo a terra com o báculo em que se apoiava, brotou ao instante uma fonte copiosa com que mataram a sede o Santo e quantos o acompanhavam.

Alguns anos depois de haver-se exercitado neste santo ministério, voltou à sua pátria, onde foi recebido benignamente por seu tio, que com o tempo havia esquecido seus primeiros ressentimentos e dado lugar às pacíficas impressões que fazia em seu coração o parentesco e o sangue. Pouco tempo durou a Antonino esta paz, que, como fundada em causas terrenas, não podia ser duradoura. Voltaram a acusá-lo de que era cristão, chegando a persuadir a seu tio que o professar esta religião em sua corte era um delito de lesa-majestade, que devia castigar com toda a severidade das leis. Teodorico mostrou-se tão sensível a esta delação que, sem reparar nos laços com que a natureza o unia a seu sobrinho, mandou encerrá-lo num escuro calabouço, carregando-o de cadeias e de grilhões, e negar-lhe todo alimento, para acabar deste modo uma vida que ele reputava por afronta de sua coroa. Sete dias permaneceu o Santo sofrendo este terrível tormento, ao cabo dos quais, considerando o Rei que já estaria morto, desceu ao cárcere em pessoa para satisfazer-se por seus próprios olhos de que já estava acabada a causa de seus sentimentos. Mas, oh, quanto se enganam os homens quando querem medir as forças da Onipotência pelas ideias de seu coração! Quando pensava encontrar morto a Antonino, consumido da sede e da fome, achou que estava bom e robusto, superando a Graça todas as forças da natureza. Ainda achou mais, pois encontrou dentro do cárcere um jovem nobre, chamado Almáquio, dos mesmos sentimentos e religião que Antonino, ao qual estava aliviando o peso das cadeias, carregando-as sobre si mesmo. Este espetáculo, que devera excitar na alma do Rei os mais vivos sentimentos de compaixão e de humanidade, produziu o contrário. Irritou-se sumamente com esta visita e, sem consultar outra coisa que os movimentos da ira, mandou precipitar Almáquio de uma alta rocha e carregar Antonino com prisões mais molestas e pesadas. Enquanto o Santo padecia no cárcere por amor de Jesus Cristo, ofereceu-se a Teodorico a precisão de assistir a uma guerra, na qual castigou Deus sua desumanidade e perfídia com uma violenta morte. O jovem Almáquio, que havia sido precipitado, achou-se são e sem lesão, guardando Deus milagrosamente sua vida em prêmio de sua fé e de sua constância. Santo Antonino recebeu também uma recompensa semelhante de seus trabalhos, pois, repetindo o céu a maravilha que havia executado em outros tempos com o Príncipe dos Apóstolos, enviou um Anjo que rompesse as cadeias que o oprimiam e o tirasse livre do cárcere. Vendo-se Antonino favorecido com tão grande milagre, cobrou nova confiança e começou a pregar a fé de Jesus Cristo com a mesma atividade e fervor que antes o havia praticado.

Morto Teodorico, sucedeu no reino Gesaleico, que era também parente de nosso Santo e não menos ímpio e terrível que seu antecessor. Mal subiu ao trono começou a perseguir o nome de Jesus Cristo com a maior crueldade, por cuja causa, vendo alguns piedosos varões que a vida de Antonino corria muito risco, procuraram induzi-lo a que se salvasse com a fuga, como com efeito o fez. Foi-se a uma solidão, onde teve o consolo de encontrar o jovem Almáquio, que já antecipadamente havia eleito aquele sítio para segurança de sua vida e para o tranquilo exercício

de seus empregos fervorosos. Havia neste sítio uma gruta, que se chamava Oriental, e junto a ela uma cristalina fonte que fazia o lugar muito deleitoso e acomodado à piedade de suas intenções. Os dois santos solitários permaneceram ali bastante tempo, apartados do alvoroço do mundo e exercitando-se na alta contemplação e em rigorosas abstinências. A mesma solidão enchia seus corações de segurança tranquila e lhes oferecia multiplicados objetos em que considerar a grandeza de seu Criador. Entre as delícias espirituais de que gozavam, tiveram o consolo de ter outro companheiro chamado João, e era sacerdote, o qual havia ido àquele sítio por inspiração divina para ter a dita de ser mártir como seus dois companheiros. Esta ventura pareceu nascida de uma casualidade, mas não foi senão um meditado conselho da divina Providência. Os caçadores do Rei registravam por acaso aqueles lugares fragosos, buscando feras para cevar a diversão de seu Monarca, quando eis que improvisamente encontram os três Santos. Repararam neles com cuidado e, havendo reconhecido Antonino, deram conta ao Rei, que o mandou vir à sua presença. Logo que o teve diante, falou-lhe desta maneira: «Que loucura se apoderou de ti, ó Antonino, que te faz esquecer a nobreza de teu sangue, enlouquecer os homens com os prestígios dessa tua Religião e pôr em perturbação todo o meu reino?» Antonino, cheio de firmeza e serenidade, respondeu estas palavras: «Eu, ó Gesaleico, não seduzo nem faço enlouquecer ninguém, mas prego um só Deus, do qual é todo reino e império; e, por conseguinte, abomino e detesto, como falsos e de nenhum poder, os deuses de madeira e de pedra que tu adoras.» Esta valorosa resposta acendeu a ira do Rei de maneira que mandou que cortassem a cabeça a Antonino e a seus dois companheiros e os lançassem no rio chamado Aregia.

Executado o mandamento do Rei, obteve nosso Santo um glorioso martírio, testificando com seu sangue e o de seus dois companheiros a verdade da religião de Jesus Cristo e a nulidade dos deuses que adora a gentilidade. Não quis Deus que os corpos de seus santos Mártires carecessem da honra devida e, assim, havendo-os os cristãos buscado e achado, colocaram-nos num honrado sepulcro. Destas relíquias a igreja de Palência possui a cabeça de Santo Antonino, juntamente com o ombro e braço direito, cujo tesouro possui de tempo imemorial, sendo igual a veneração que lhe tributa como a seu amado padroeiro aos contínuos benefícios que por sua intercessão lhe dispensa o céu. Entre estes se conta que, indo uma multidão do povo acompanhando as relíquias do Santo, oprimiram um menino nos braços de sua mãe, de maneira que ficou sufocado e morto. Lastimados todos do infausto acontecimento, fizeram que o menino tocasse as relíquias do Santo, na firme persuasão de que não ficaria burlada sua fé. O efeito acreditou a solidez de suas esperanças, pois mal tocou o menino as sagradas relíquias, imediatamente cobrou nova vida e voltou ao seio de sua mãe perfeitamente são. A restauração da igreja palentina e a reedificação da cidade foi efeito dos prodígios com que Deus favoreceu aquele ditoso povo por meio de nosso Santo. Refere o arcebispo D. Rodrigo que, indo o rei D. Sancho de Navarra, chamado o Maior, divertir-se certo dia no exercício da caça, encontrou um javali, ao qual perseguiu com ânimo de matá-lo. Era no sítio que havia tido a cidade de Palência, que a essa sazão estava inteiramente destruída e deserta. O feroz animal, vendo-se perseguido, refugiou-se numa concavidade formada à maneira de igreja, dentro da qual havia um altar dedicado a Santo Antonino, que havia podido superar a devastação das guerras, o furor dos bárbaros e os reveses do tempo. Amparou-se o javali da estátua do Santo e, havendo chegado o Rei, ergueu o braço para traspassá-lo com um venábulo. Não pôde executar seu intento, porque repentinamente lhe ficou o braço hirto, dando a entender o céu com esta maravilha que desfrutava sua proteção quem se acolhia à de Antonino. Este mesmo pensamento

veio ao Rei, que, implorando a divina misericórdia por meio da intercessão do bem-aventurado Mártir, achou-se repentinamente são. Deste milagre resultou a restauração de Palência, porque, agradecido o Rei ao benefício que havia recebido de Santo Antonino, mandou reedificar de novo a já arruinada cidade, construir uma igreja sobre a concavidade ou gruta onde foi achado o altar de Santo Antonino e, além disso, consagrar um bispo, para que aquela igreja não carecesse desta honra. Era consequente manifestar outras liberalidades em consequência das já referidas; e assim fez doação ao bispo e à igreja de toda a cidade, com os termos que lhe pertenciam, acrescentando além disso algumas vilas e outras posses de que goza a igreja palentina. Nos tempos posteriores não se têm manifestado menos as maravilhas do Senhor, com que confirmou que Santo Antonino é um servo fiel e nosso benigníssimo padroeiro.

Missa (oração)

A missa é em honra de Santo Estêvão, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Concede, quæsumus, Ecclesiæ tuæ, omnipotens Deus, ut beatum Stephanum, confessorem tuum, quem regnantem in terris propagatorem habuit, propugnatorem habere mereatur gloriosum in cælis. Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Suplicamo-vos, ó Deus onipotente, que concedais benignamente à vossa Igreja ter por defensor seu no céu o bem-aventurado Estêvão, vosso confessor, já que mereceu tê-lo por seu glorioso propagador na extensão de seu reino enquanto viveu conosco na terra. Por Nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é do capítulo 31 do Eclesiástico.

Eclesiástico 31,8-11

> **Latim:** [8] Beatus dives qui inventus est sine macula, et qui post aurum non abiit, nec speravit in pecunia et thesauris. [9] Quis est hic ? et laudabimus eum : fecit enim mirabilia in vita sua. [10] Qui probatus est in illo, et perfectus est, erit illi gloria æterna : qui potuit transgredi, et non est transgressus ; facere mala, et non fecit. [11] Ideo stabilita sunt bona illius in Domino, et eleemosynas illius enarrabit omnis ecclesia sanctorum.

Português: [8] Bem-aventurado o rico, que foi achado sem mancha e que se não deixou ir após o ouro, nem esperou no dinheiro, nem nos tesouros. [9] Quem é êste, e nós o louvaremos? Porque fêz coisas maravilhosas em sua vida. [10] Ao que foi provado no ouro, e se achou ser perfeito, isto lhe servirá de glória eterna: O que pôde transgredir a lei de Deus, e não a transgrediu: O que pôde fazer mal e não o fêz: [11] Por isso os seus bens foram assegurados no Senhor, e toda a igreja dos Santos celebrará as suas esmolas.

Reflexões

Bem-aventurado aquele que não correu atrás do ouro, ou, como lê o texto da Vulgata: *bem-aventurado o rico que foi achado sem mancha*: *Beatus dives.* Sem dúvida que as riquezas, as honras que as acompanham e a abundância que as segue devem ser grande estorvo à inocência e à salvação. Parece que a pobreza espanta, por assim dizer, as paixões, e que, envergonhadas, se retiram enquanto dura a obscuridade; pelo menos é certo que a adversidade as abate e acovarda, tornando-as pusilânimes, tímidas e tranquilas; ao passo que, pelo contrário, a opulência as ensoberbece, torna-as imperiosas, soberbas e altaneiras; e, tirando-as da obscuridade em que estavam como aprisionadas, restitui-as à sua inteira liberdade. Com facilidade se fazem as coisas que nos lisonjeiam e nos agradam, por más que sejam, sobretudo quando se podem fazer impunemente. Parece que a opulência como que tira a vergonha de obrar mal e que as riquezas tudo cobrem e adornam, dourando, por assim dizer, até a dissolução, a irreligião e a impiedade. Uma bela libré, um magnífico trem, uns móveis suntuosos e uma mesa esplêndida tudo desculpam, até certa ostentação de indevoção, que escandaliza, que altera, que irrita até os menos devotos, por pouca religião que abriguem em seus corações. Na verdade, nenhuma coisa assombra mais que a conduta desses mundanos acomodados, os quais, por outra parte, fazem profissão de cristãos. Já não é a Religião a que governa seu coração nem seu espírito; a qualidade, os empregos, as riquezas são a regra de seus desejos, de seus pensamentos, e se pode acrescentar que o são também até dos mesmos exercícios da Religião. Logra-se um nome, uma classe distinguida? Pois quase nunca se declara a piedade em favor da distinção. Tirou-nos de entre o pó e de entre a miséria uma rica herança, um negócio em que soprou favorável a fortuna? Pois esqueceu-se num instante aquele primeiro estado tão imediato ao nada. Com verdade se pode dizer que o amor-próprio sempre faz fortuna quando a faz a pessoa. Raras vezes se separam da prosperidade o orgulho, a delicadeza, o regalo e o prazer. Não seria muito dizer que a indevoção e a ociosidade parecem hoje provas de nobreza; pelo menos são o efeito mais comum da opulência, sobretudo nas mulheres do mundo, muitas das quais estão persuadidas de que se qualificariam de mulheres ordinárias se as vissem trabalhar em sua casa e cuidar de sua família. Logram bens de fortuna? Pois, além da profanidade e das galas que lhes sorvem toda a atenção e todo o tempo, julgariam abater sua qualidade se se aplicassem às obrigações de seu estado. E, se não, pergunto: de que classe de gentes se compõem essas mesas de jogo, essas visitas da ociosidade, essas partidas de diversão, esses círculos, corrilhos e concorrências, de que, por decreto do espírito do mundo, está desterrado tudo o que não se acomoda a seu gosto, e nos quais se congregam todas aquelas coisas que concorrem para extinguir todo movimento de piedade e de religião? Ali todos se envergonham de parecer cristãos, não de outra maneira que aqueles covardes fiéis de outros

tempos que se envergonhavam de mostrar que o eram na presença dos gentios. Ali começam a abolir-se aquelas piedosas ações, aqueles devotos atos mais antigos, mais recebidos na Igreja e mais acostumados dos verdadeiros Cristãos. Já não se usa lançar a bênção à mesa entre gentes de distinção e em mesas de respeito; isso se deixa para religiosos e gente ordinária. O abuso é escandaloso, é verdade; mas que importa, se está autorizado pelo costume e pelo partido maior? E depois disto admiraremo-nos de que se ache tão raras vezes a inocência entre a abundância e em meio às riquezas! Com tudo isso, esses mundanos e esses ricos, na última enfermidade, fazem-se cristãos: quando a proximidade da morte os espanta, quando já não podem ser tão dissolutos nem tão ímpios como em sã saúde. Mas será sobrenatural esse arrependimento? Serão sinceras essas conversões? E esses forçados atos de contrição levarão ao paraíso uns homens que só pedem misericórdia quando se veem no último perigo?

Evangelho

O evangelho é do capítulo 19 de São Lucas.

Lucas 19,12-26

> **Latim:** 12 Dixit ergo : Homo quidam nobilis abiit in regionem longinquam accipere sibi regnum, et reverti. 13 Vocatis autem decem servis suis, dedit eis decem mnas, et ait ad illos : Negotiamini dum venio. 14 Cives autem ejus oderant eum : et miserunt legationem post illum, dicentes : Nolumus hunc regnare super nos. 15 Et factum est ut rediret accepto regno : et jussit vocari servos, quibus dedit pecuniam, ut sciret quantum quisque negotiatus esset. 16 Venit autem primus dicens : Domine, mna tua decem mnas acquisivit. 17 Et ait illi : Euge bone serve, quia in modico fuisti fidelis, eris potestatem habens super decem civitates. 18 Et alter venit, dicens : Domine, mna tua fecit quinque mnas. 19 Et huic ait : Et tu esto super quinque civitates. 20 Et alter venit, dicens : Domine, ecce mna tua, quam habui repositam in sudario : 21 timui enim te, quia homo austerus es : tollis quod non posuisti, et metis quod non seminasti. 22 Dicit ei : De ore tuo te judico, serve nequam. Sciebas quod ego homo austerus sum, tollens quod non posui, et metens quod non seminavi : 23 et quare non dedisti pecuniam meam ad mensam, ut ego veniens cum usuris utique exegissem illam ? 24 Et astantibus dixit : Auferte ab illo mnam, et date illi qui decem mnas habet. 25 Et dixerunt ei : Domine, habet decem mnas. 26 Dico autem vobis, quia omni habenti dabitur, et abundabit : ab eo autem qui non habet, et quod habet auferetur ab eo.

Português: 12 Disse pois: Hum homem de grande nascimento foi para hum paiz muito distante a tomar posse d'hum reino, para depois voltar. 13 E chamando dez servos seus, deo-lhes dez marcos

de prata, e disse lhes: Negociai até eu vir. [14] Mas os do seu paiz o aborrecião: e enviárão nas suas costas deputados, que fizessem este protesto: Não queremos que este seja nosso rei. [15] E com effeito voltou elle com a posse do reino tomada: e mandou chamar aquellos servos, a quem dera o seu dinheiro, a fim de saber quanto cada hum tinha negociado. [16] Veio pois o primeiro dizendo: Senhor, o teu marco adquirio dez. [17] E o senhor lhe respondeo: Está bem, servo bom, porque foste fiel no pouco, serás governador de dez cidades. [18] Veio depois o segundo dizendo: Senhor, o teu marco rendeo cinco. [19] E o senhor lhe respondeo: Se tu tambem governador de cinco ci dades. [20] Veio tambem o terceiro dizendo: Senhor, aqui tens o teu marco, que eu guardei embrulhado num lenço: [21] porque tive medo de ti, que és hum homem rigido: que tiras donde não pozeste, e que recolhes o que não semeaste. [22] Disse-lhe o senhor: Servo mão, pela tua mesma boca te condemno eu: tu sabias que eu era hum hom men rigido, que tiro donde não puz, e que recolho o que não semeei: [23] logo porque não metteste tu o meu dinheiro a banco, para que quando viesse, o recebesse eu então com os seus lucros? [24] E disse aos que estavão presen tes: Tirai-lhe o marco de prata, e dai-o ao que tem dez. [25] E elles lhe responderão: Senhor, este já tem dez. [26] Pois eu vos digo, que a todo aquelle que tiver se lhe dará, e terá mais: mas ao que não tem, se lhe tirará ainda isso mesmo que tem.

Meditação

Que custa menos ganhar-se que perder-se

Primeiro ponto

Considera que não há em toda a moral cristã erro mais comum, nem mais geralmente estendido, que a falsa ideia que se tem da virtude e do pecado. Concebe-se aquela como uma fruta toda eriçada de espinhos, e figura-se este como uma formosa flor sempre brilhante, sempre viçosa, que exala continuamente de si uma fragrância requintada, pronta sempre a colher-se com a maior facilidade; ao mesmo tempo que a virtude não se pode alcançar sem ferir-se, sem suor e sem fadiga. Como estas preocupações só se consultam com os sentidos, estes nada podem responder que não as fomente; porque a virtude sempre se apresenta com um ar humilde, modesto e mortificado. Na escola da virtude só se fala de violências que se hão de fazer, de paixões que se hão de domar, de cruzes e de trabalhos que se hão de sofrer. Estas lições, claro está, não agradam ao amor-próprio nem a um coração terno e pouco experimentado. Não é maravilha, pois, que a vida cristã, a vida santa, retraia e atemorize, sobressaltando os sentidos; quando, ao contrário, na vida tíbia, imperfeita e licenciosa tudo os lisonjeia, tudo se adapta às paixões, tudo é muito do gosto do amor-próprio. Confesso que tudo isto é verdade se se há de fazer juízo da vida cristã e da vida desregrada só pelas aparências, e que este conceito e estas preocupações estão muito acordes com a experiência. Mas, se o juízo se há de regular pela fé, e ainda pela razão natural, não há coisa mais falsa que esta ideia. Consultemos o que o Espírito Santo nos diz na Escritura; ouçamos o que nos ensina o próprio Jesus Cristo, e apalparemos a falsidade destas preocupações que se fizeram tão comuns. Ouve o que o Espírito Santo diz pela boca dos ímpios, desses idólatras

de seus gostos, desses escravos de suas paixões: *Erravimus a via veritatis*; descaminhados temos andado no caminho da verdade. Agora que se dissiparam as trevas, agora que se desfez o encanto, agora que se desvaneceu a ilusão e agora que discorremos sem preocupação e com serenidade, vemo-lo, apalpamo-lo claramente. Apartamo-nos do caminho da salvação. Entregamo-nos a nossos apetites; demos contento a nossos sentidos; deixamo-nos arrastar da torrente de nossas paixões; abandonamo-nos ao espírito do mundo, e eis que estamos condenados. E isto seria sem dúvida por não haver querido fazer-se alguma violência, por haver seguido um caminho largo, fácil, plano e divertido? Mas ouçamos o que eles mesmos confessam: *Lassati sumus in via iniquitatis et perditionis.* Ah, que não! Em lugar de tomar o caminho mais fácil e mais plano, metemo-nos no mais áspero e mais dificultoso. As entradas eram risonhas e floridas; mas, logo que nos empenhamos nele, os espinhos começaram a picar-nos por todas as partes: *Ambulavimus vias difficiles.* Num só mês padecemos mais que padecem os bons por toda a vida: não a teve mais austera nenhum religioso, nenhum penitente, nenhum anacoreta: que sobressaltos no coração, que inquietudes no ânimo, que despeitos, que violências, que sacrifícios, que servidões no mundo, entre esse montão de libertinos, de dissolutos, de falazes, de trapaceiros, de arrebatados e de vingativos! *Lassati sumus*, cansamo-nos, fatigamo-nos, arrebentamo-nos; e para quê? Para perder-nos. *Talia dixerunt in inferno hi qui peccaverunt*: isto é o que disseram no inferno os pecadores. Mas é então tempo de conhecer sua loucura?

Segundo ponto

Considera que o Filho de Deus não se explica menos claramente sobre esta importante verdade. «Quero ensinar-vos, diz a seus Apóstolos, uma verdade que o mundo não pode compreender: esta é que meu jugo é suave e minha carga leve.» Deixai-os dizer o que quiserem àqueles que ignoram as verdades experimentais de minha doutrina. Exageram-se muito no mundo as imaginárias dificuldades que se figuram voluntariamente em meu serviço: as almas covardes, os corações livres e estragados estão persuadidos, e pretendem persuadir a outros, de que não há coisa mais dura, mais triste, nem mais árdua que servir-me: querem crer, e querem também que outros o creiam, que custa horrores isto de salvar-se alguém; mas eu, diz Jesus Cristo, afirmo todo o contrário: digo que não há consolo igual nem comparável com o que se gosta em meu serviço; digo que muito mais padecem os pecadores para condenar-se que meus fiéis servos nos maiores rigores de suas voluntárias penitências. Pega-se aos que estão em meu serviço aquela mesma doçura do Senhor a quem generosamente servem: *Discite a me quia mitis sum.* É certo que as paixões são os tiranos do coração do homem; e destes tiranos há de esperar o pecador seus gostos e sua felicidade! Desenganemo-nos: as paixões mais lisonjeiras, até aquelas mesmas que, segundo o espírito do mundo, são as mais ditosas, não deixam de ser paixões e, por conseguinte, copioso e inesgotável manancial de inquietudes, de vigílias, de temores, de ódios, de vingança, de perturbação, de sobressaltos, de lágrimas e de pesadumes. Dissimula-se, é verdade; mas nem por isso está o coração menos oprimido, menos despedaçado nem menos aflito. Serve-se ao mundo e perde-se o pobre homem em seu serviço. Mas onde há mais dura servidão que a do mundo? Num só dia faz-se mais violência um cortesão, vence-se mais e tem mais que sofrer na corte que um servo de Deus no decurso de um ano. Mesmo em meio às maiores diversões, quanto há que reprimir-se, quanto que conter-se, quanto que mortificar-se! Não costumam ser os mais serenos nem os mais tranquilos os dias de maiores festas e de maiores passatempos. Mulheres do mundo,

homens de negócios, gentes da diversão, não se vos poderia chamar com maior verdade gentes dos desgostos, gentes da escravidão e gentes dignas da maior compaixão? Como é possível que deixeis de invejar, apesar de vossa altanaria e de vosso estudado disfarce, aquelas almas santas, aquelas almas tranquilas e bem-aventuradas, que já começam a gozar antecipadamente, desde esta vida, uns como lampejos dos gozos celestiais? Não, por certo; não aguardais a ver-vos no triste leito da morte para ter inveja à sorte dos bons. Há cruzes, há trabalhos em todos os lados da vida, há adversidades, há aflições; mas por acaso estão isentos delas os pecadores no seu? Ah, que sentem vivissimamente sua amargura, ao mesmo tempo que os servos de Deus sabem o segredo de fazer as suas não só meritórias, mas doces e agradáveis. Quando não tivessem mais que uma esperança tão bem fundada de receber o prêmio cem vezes dobrado, esta só seria mais que bastante para adoçar-lhes o mais amargo de todas as aflições. Confessemos, pois, que há muito mais que violentar-se, muito mais que sofrer, muito mais que padecer e muito mais que devorar para condenar-se e para perder-se que para salvar-se.

Fazei, Senhor, que todas estas reflexões tão verdadeiras, tão justas e tão convincentes acabem de desenganar-me dos falsos gostos desta vida e de dissipar todos os meus vãos temores. Grande é minha dor e meu arrependimento por haver vivido tanto tempo tão miseravelmente enganado.

Jaculatórias

São bem-aventurados e felizes nesta vida os que guardam fiel e exatamente a santa lei do Senhor. (Sl 118.)

Pensas, pecador, que és feliz porque és rico, e não sabes, pobre néscio, que és um homem miserável. (Ap 3.)

Propósitos

1. Estando já tão convencido de uma verdade tão essencial, procede conforme a ela de hoje em diante. Vive muito persuadido de que custa mais trabalho perder-se que salvar-se, e faze o possível para persuadir o mesmo a todos, mais com tuas obras que com tuas palavras. Guarda-te bem de deixar-te vãmente espantar destes termos de recolhimento, de mortificação, de cruz, de penitência e de retiro. Somente as almas fracas e covardes, os entendimentos limitados e pouco cristãos se deixam amedrontar da casca, sem haver tomado o gosto à substância. Entrega-te à virtude: dá-te a uma vida cristã: no princípio será mister um pouco de constância e de resolução para vencer as primeiras apreensões; mas não te assuste o vão terror dos sentidos, nem dês ouvidos aos ligeiros medos do amor-próprio. Alvoroçam-se nos primeiros passos as paixões, mas domam-se com mais facilidade do que se pensa; e está seguro de que a Graça ao cabo tudo vence.

2. Empreende o caminho da virtude com toda a resolução: olha que o demônio só é insolente e atrevido com os covardes: para desarmá-lo basta uma resolução firme e uma determinação animosa. Se nos princípios te mostras tímido, se este fero inimigo da salvação reconhece em ti a

menor pusilanimidade ou desconfiança, fará guerra a sangue e fogo. Cheio de confiança na bondade do amo a quem serves e no poder de sua divina graça, ataca tu mesmo o inimigo dentro de suas próprias trincheiras. Não há criatura mais covarde que o demônio à vista de uma alma verdadeiramente cristã.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:52:07 by Admin
Updated 20 November 2026 20:52:07 by Admin